

Um deus passeando pela brisa da tarde

Mário de Carvalho

Capítulo I

Brilha o céu, tarda a noite, o tempo é lerdo, a vida baça, o gesto flácido. Debaixo de sombras irisadas, leio e releio os meus livros, passeio, rememoro, devaneio, pasmo, bocejo, dormito, deixo-me envelhecer. Não consigo comprazer-me desta mediocridade dourada, pese o convite e o consolo do poeta que a acolheu. Também a mim, como ao Orador, amarga o ócio, quando o negócio foi proibido. Os dias arrastam-se, Marco Aurélio viveu, Cómodo impera, passei o que passei, peno longe, como ser feliz?

Mara, mais além, borda, sentada numa cadeira alta de vime, junto aos degraus da porta. Há pouco, ralhava com as escravas. Agora ri-se com as escravas. Em breve ralhará com as escravas. Do local em que me encontro não consigo ouvi-la, mas quase adivinho as razões dos risos e dos ralhos. É-me agradável saber que Mara está perto, e reconhecer-lhe tão bem, desde há tantos anos, os trejeitos e os modos.

Momentos atrás, sem nenhuma razão especial, veio até junto de mim, com o seu animal de regaço que é agora um gato cinzento, depois de, em hora nefasta, ter perdido a rola, muito alva, que lhe vinha comer à mão. Este bizarro animal, que dizem

de origem egípcia, é uma espécie de pantera em miniatura que conserva todos os rompantes da fera e que, como ela, se com-
praz na crueldade e no rasgo imprevisto. Ora se relaxa, pacifi-
cado, em languidez esparramada, num convite ao sossego uni-
versal, ora salta de garras prestes, orelhas derribadas, pêlo tufado,
colmilhos em ameaça. Não responde pelo nome e, apesar da
sua pequenez, põe em respeito os cães de guarda quando os
enfrenta. Foi um mercador que o deixou aí, como reconheci-
mento pelas compras avultadas, porventura excessivas, a que
Mara se prestou. Eu confesso que encaro este animal estran-
geiro com alguma desconfiança. Ainda não faz parte da casa,
nem sei se algum dia fará...

Mara admira-se de eu estar às voltas com a *Tyrrenika*, infin-
dável anedotário etrusco do imperador Cláudio. Que proveito
me trará o esforço, pergunta, se temos tão raros convidados a
quem deslumbrar? Num gesto faceto, desdobra um dos rolos,
soletra umas palavras ao acaso, ri e deixa-o rebolar pelo tampo
da mesa. Logo as unhas afiadas do gato ressaltam, aduncas, e
se preparam para grifar o papiro, como já tinham antes mar-
cado os braços de Mara. Protesta. Mara aconchega o bicho ao
colo e deixa-me, numa pequena corrida. Rito quotidiano, co-
nhecido, trivial e amável. Mara, aprazível, afirmando-me a sua
solicitude...

Preserva Mara uma vivacidade juvenil que ainda me es-
panta, ao fim de todos estes anos. Nunca teve paciência para
desenrolar um livro; boceja e adormece quando chamo um es-
cravo para ler algum trecho, mesmo solerte e ligeiro. Aborrece-
-se nesta pasmada villa, mas nunca admitiria que se aborrece.
Não lhe ocorre queixar-se. «Onde Gaio está, Gaia estará.» Assim

foi educada. Sob aquela futilidade alegre e volátil, velam solidíssimos princípios, ancestrais, e uma recôndita lucidez que só se expõe quando motivos ponderosos a convocam. Sempre contei com a estrénuo lealdade de Mara, embora ela não saiba definir o vocábulo lealdade, nem dissertar sobre ele, nem use nunca o termo «estrénuo».

Em boa verdade, os Etruscos de Cláudio interessam-me de somenos e a prosa dele flui tão entaramelada como dizem lhe saía a fala. Mas vou lendo, folha a folha, passo a passo, com uma aplicação de discípulo em tormentos de trabalho marcado e férula à espreita. Não tenho outra razão para isso, senão entreter brandamente o meu tédio, que ainda mais se avantajaria naqueloutros portes de caçador ou arroteador de solos ou edificador de pedras, ou diligente administrador de agros, ou praticante de qualquer actividade própria à minha condição... Começada um dia a leitura, impõe-se-me levá-la até ao fim. Assim me educaram e nessa pertinência me reconheço. Propus-me um livro? Há que lê-lo!

No mármore verde da mesa redonda a que me sento, uma lasca quadrangular, estilhada, obscena, macula o perfil sorridente do rosto de Baco, carregado de uvas, meticulosamente lavrado. Não se desvaneceram de entre os sulcos do buril, por mais tratos de esfrega e lavagem, as cinzas negras dos fogos que aqui um dia estalaram. Marcas da fúria dos bárbaros. Teria sido esta mesa o altar escolhido para os ritos primitivos deles, suporte das chamas, escorredouro das vísceras? Ou nem isso, apenas desamparado objecto de raiva, ferido porque humano, sinal de uma perfeição que a boçalidade abomina?

Vi chegar um dia esta mesa, numa recova de carros, emba-lada em tojos e palhas, era o meu pai ainda novo, eu catraio de brincar ao arco. Ele tinha orgulho naquela pedra verde, raiada, única, vinda de muito longe. Recordo o esforço de um grupo de escravos fazendo rolar o pesado mármore redondo, lanço após lanço, até este caramanchão que, já na altura, vicejava, folheado de videiras. E a satisfação do meu pai, orgulhoso, a acariciar com as mãos as linhas do buril, enunciando a genea-logia, feitos e atributos de Baco, para eu aprender.

Passados os anos e os angustiosos trabalhos que serão rela-tados, vi de novo levantar aquela pedra a poder de braços, vi-a rolar por lanços esforçados e ser teimosamente recolocada na sua base, com a ajuda de cordas e alçapremas. Não era já o mesmo mármore: havia sido profanado, fendido, abrasado. Assim, como está, permanecesse doravante, pelos séculos dos séculos, livre de maiores agravos e aleives. Mas, de cada vez que a minha mão lhe corre sobre a superfície danificada e sinto a rugosidade dos golpes, o oleoso das cinzas, chega-me um rebate de ameaça, indefinido, mas brutal.

A grande pedra, rolando, lembra-me a daquele rei de Corinto, fugaz aprisionador da morte, eterno prisioneiro do destino. Quem pode asseverar que este mármore verde, algum dia der-rubado, não voltará mais a sê-lo e se deixará apenas esbater naturalmente, lentamente, mansamente, pelo desgaste com-passado das erosões dos tempos? Quem me garante que estas tardes campestres, tão paradas e tranquilas, não serão mais uma vez sobressaltadas pelo atroo de brados malignos? O que passou, passou? Deixem-me cultivar esta despreocupação, a ilusão de que o mundo seguirá para sempre imperturbado e

imperturbável, após um desassossego passageiro na sua ordem. Sou um senhor da terra, sou um romano, leio, cultivo-me, marco os tempos com o meu porte, os meus gestos, os meus ditos, as minhas maneiras, a minha fleuma, o meu trajo togado. Dignidade. Gravidade. Romanidade. Humanidade. Convulsos temores e angústias resolvam-nos as legiões, e de rijo, que é o que lhes compete. A mim, agora, os livros...

Mas que deu àquela gente bisonha, mesquinha e bruta, para deixar, ululante, os seus desertos, a companha dos escorpiões e serpentes, atravessar o mar, nas suas naves tosquíssimas, desprovidas de olhos e de altares divinos, e vir desabar sobre a Lusitânia em correrias de sangue, talando fazendas, casas e gentes? Que ímpeto foi aquele que algum deus obscuro e ressabiado lhes comunicou e que não perdoava madeira nem pedra, culpado nem inocente, livre nem escravo, e que trazia o único escopo de destruir e volver em deserto as cidades e os agros talentosamente erguidos por gerações que falam latim, cultuam os deuses e praticam o direito? Um exército conquistador pilha por turnos, poupa os vencidos, reconstrói as cidades, cobra o tributo, restabelece a ordem. Faz seu o subjogado, e como seu o preserva. Desfeito o turbilhão, zelam as patrulhas pela aplicação de uma norma. Mas, quando passa uma horda, deixa na terra a marca da pura irracionalidade, o restabelecimento do caos original, que faz do engenho ameaça, do labor perversão, da beleza monturo. Assim as colunas quebradas, as termas conspurcadas, os cadáveres esventrados ao claror dos incêndios. Não corre entre eles um único homem capaz de bradar: poupem, que o que aqui está já nos pertence! A salteada demoníaca tudo faz raso, até que a detenham os primeiros ferros duma legião.

Nesta villa trucidaram animais e escravos que ficaram a inchar pelos campos; quebraram as colunas, arrancaram as telhas, desfeitearam os lares; raspam as velhas pinturas dos interiores; serviram-se de móveis e estofos como lenha; as mesmas mós, de duríssima rocha, britaram. Desenraizaram as árvores, devastaram as vinhas, pisaram as flores. Todos os livros foram esfarrapados ou queimados. Até nesta inofensiva mesa de mármore apuseram as suas marcas bestiais. Porquê? Em nome de quê? Se tal eu soubesse, seria o mais sábio dos homens e poderia aconselhá-los com proveito. O porquê daquela ânsia dementada de destruir deve ser, de todos, o mistério mais bem guardado. Não quis a divindade revelar-mo, apenas que lhe sofresse as consequências.

Quando regressei, já destacamentos de cavalaria auxiliar da VII Legião Gémina patrulhavam os valados, remetendo a seus amos os servos tresmalhados e crucificando sem piedade, em qualquer azinheira, os mouros retardatários ou quem com eles houvesse conluio. Restabelecia-se a ordem do Senado e do Povo Romano, entre as ruínas, os gemidos, os miasmas e os rolos persistentes de fumo. Voltou o meu vílico, longo tempo escondido num cabanejo longínquo. A pouco e pouco, deram de si outros escravos, acoitados pelos campos, à espera que viessem as legiões restaurar a ordem que, por mais dura, seria sempre menos temível que as cimitarras tresloucadas que fendiam por fender. Algum gado foi recuperado no mato, como se o tivesse protegido um deus pastor.

Piedosamente, o intendente colou os pedaços dos lares e fê-los dispor por ordem, com ternura, no seu altar do vestíbulo. Depois instalou esteiras no único cubículo quase intacto que

restava, alumiou um fragmento de lucerna, e só então nos deixou entrar, a mim e a Mara. Era o regresso dos senhores. Os servos formaram no átrio, quais deles estropiados ou ensanguentados das ruínas contingências sofridas. Oito soldados aboletaram-se no que restava do celeiro. Ouvíamos, à noite, o resfôlego das mulas e o estalo dos couces no empedrado. Mas estávamos em segurança. Pela janela, sem madeiros, estrugiu o crocitar longínquo de aves torvas. A lua branca fazia mais desolados os sinais da destruição. Mara e eu, apertados um contra o outro, debaixo do meu manto, decidimos que havíamos de refazer tudo, exactamente como estava antes. E nisto Mara falava e falava e falou até que nascesse o sol.

Poucos vestígios da razia são hoje aparentes. É difícil acreditar que estas casas foram reconstruídas, após terem sido em grande extensão arrasadas. Quando esta geração morrer não ficará memória das alterações que em dias de desgraça ensanguentaram estas paragens. Restarão talvez anotações em livros que ninguém lerá, até serem, eles próprios, destruídos, pela crueza do tempo e desatenção dos homens, na melhor das hipóteses. Gozemos agora a paz, Mara e eu, e oxalá não se repitam até ao fim das nossas vidas as depredações que tivemos a desdita de presenciar. Ainda hoje olho com desconfiança quem venha do lado do oceano. Mas será das praias que acorrem todos os perigos?

Outro dia fiquei estarecido com o que vi. Era uma manhã agradável e fresca e, contra o meu costume, dei comigo a afastar-me e a deambular pela margem do rio. Debruçado sobre uma sebe, um escravozito apanhava amoras para uma sacola.

Nem todas iriam parar à minha mesa, decerto. Habitualmente fecho os olhos a estas pequenas transgressões. As silvas dá-as a natureza, não exigem despesas nem cuidados. Procurei apenas manter-me à distância para que a criança não me visse e não ficasse inutilmente embaraçada. Em dado momento o garoto parou, sentou-se, encheu a boca de amoras, puxou de uma cana e começou a desenhar na areia: uma linha oblonga, outra linha oblonga com a mesma origem e que se afastava e curvava para seccionar a primeira. Uma terceira linha a unir o remate das duas outras. Um ponto: o olho do peixe.

«Quem te ensinou a desenhar isso?» O rapaz sobressaltou-se e olhou-me aterrorizado, com a boca entreaberta, arroxeadada do suco das amoras. Nunca tinha visto o seu senhor tão ao perto. Eu devia parecer-lhe terrível, ameaçador, como Júpiter Trovante levantando-se de entre as nuvens. Ajoelhou-se e, com uma mão, estendeu-me instintivamente um punhado de frutos, enquanto com a outra protegia a cabeça: «Perdão, senhor!» Competia-lhe sentir-se em falta e não sabia bem de quê. «Responde: Quem te ensinou esse desenho?» Que tinha sido um cardador que passara por ali. «Dos meus?» Que não, meu senhor, que era homem forasteiro que ia de longada, com destino certo. E o gaiato tremia, continha o choro com esforço. A boca, tinta de amoras, dava-lhe um ar lastimoso, de mimo trágico. «Vai-te!» Desapareceu, correndo, por entre as urzes, deixando um rasto de bagas esbarrondadas pelo chão.

Pisoteei meticulosamente o desenho com as minhas botinas cardadas, até restar apenas uma lavra de areia remexida. Acto inútil. Não se apagam as realidades destruindo-lhes os símbolos. Talvez muitas milhas além, no caminho do cardador,

outros desenhos aparecessem e outras memórias fossem reavivadas. Estava extinta a congregação do peixe? Eu procurava convencer-me de que sim. Que sabia eu?

Foi pouco depois que Proserpino me propiciou a surpresa da sua visita. Eu estava no meu pouso habitual, à mesa de mármore verde, e fazia contas. Tinha vendido dois júgeros numa estrema da propriedade, para me livrar de um conflito de demarcação com um dos meus vizinhos, de comportamento demasiado rústico para o meu trato. O preço ajustado era misto, quantificado em áureos, medidas de azeite e fardos de linho. Quis verificar tudo, com cautelas amiudadas, porque a confiança não sobrava. Conferi os preços dos géneros e decidi-me a passar a manhã de volta do ábaco e das tabuinhas. Quando os cães romperam a ladrar e esboçaram uns arremessos em direcção ao portão do muro, e um escravo estranho entrou e fez menção de os afastar com um pau ferrado, julguei que era o meu vizinho que aí vinha, uma vez mais, a lamuriar-se e a implorar reduções no clausulado. Mas logo atrás do escravo, meio curvada, e muito temerosa dos cães, apareceu aquela figura alta, adunca, nervosa, que eu tão bem conhecia e desprezava algum tanto. Senti uma incomodidade quase dolorosa: Proserpino! Ergui-me, alarmado: que faria Proserpino aqui?